



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

*Albuquerque*  
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

*Edwardsollally*  
PAPUSSE



FERNANDO LUIZ

A' minha amiguinha IRENE NAVARRO DA COSTA

Por MIMI GRANDELA

Desenhos de E. MALTA



ERNANDO LUÍS era um rapazito de 15 anos.

A sua maior ambição era ser oficial de marinha.

Seu pai, um homem do povo, honrado, mas muito pobre, não lhe podia dar educação, e quando o filho lhe falava em ter tal profissão, dizia-lhe sempre que

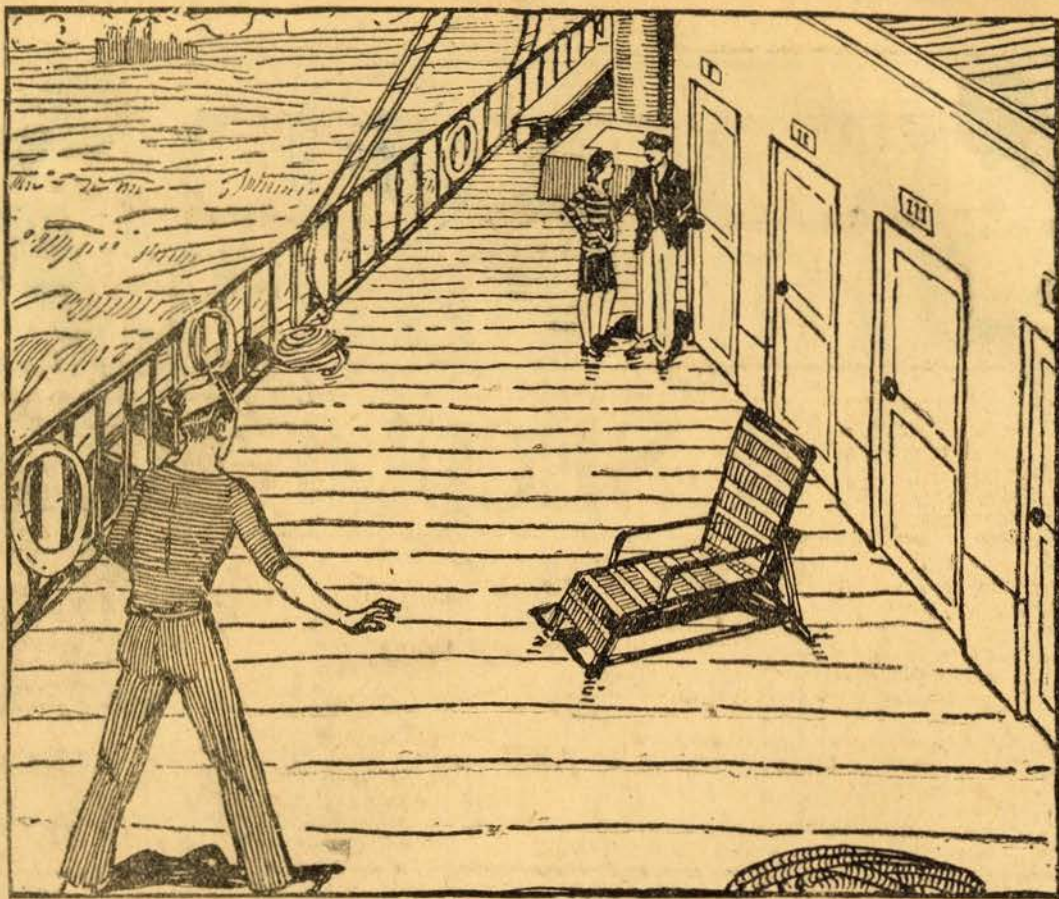
não pensasse nisso, porque era uma carreira que ele nunca poderia seguir por ser muito dispendiosa.

O rapaz, quando o pai lhe dizia isto, ficava triste e pensava: quantos meninos ricos, com a idade d'ele desprezavam o estudo enquanto que ele queria estudar, e não tinha posses para isso.

Um dia, ao ler os anúncios do «Século», seu jornal predilecto, viu que pediam do vapor «Alvar» um grumete para serviço de baldeagem.

O pobre rapaz não sabia que emprego era o de baldeagem, mas, como se tratava de bordo, a sua maior paixão, imediatamente se foi apresentar ao capitão.





Este, que era bom homem simpatisou com a cara do rapazito, e ficou assente que êle entraria na véspera do vapor partir para a Africa, pois era o rumo do «Alvar».

Foi para casa, contou tudo aos pais e pediu-lhes licença para o deixarem ir.

Estes, ao princípio, recusaram-se, mas Fernando Luís tanto insistiu que se viram obrigados a deixá-lo partir.

Chegou, enfim, a véspera da partida, tão desajada do filho, e tão triste para os pobres pais.

Fernando Luís, logo que entrou para bordo, foi conduzido a um beliche, onde encontrou um fato parecido com os dos marinheiros, mas mais feio, e uma boina como as dos cosinheiros do vapor.

Não lhe agradou muito a farda, e menos ainda o serviço que lhe correspondia, mas resignou-se, esperançado em vir ainda a ser um oficial, como muitos que êle via a bordo, com as suas fardas azuis escuras, irrepreensivelmente limpas e com aquelas ambicionadas dragonas douradas que tanto luziam aos ardentes raios do Sol.

Por entre a lufa-lufa dos carregadores e passageiros, viu Fernando Luís uma formosa rapariga, que com o pai, um sujeito idoso, mas de porte muito distinto, se dirigiam para um dos camarotes de primeira classe, o n.º 20, do «Alvar».

A rapariga que era interessante e vinha elegantemente vestida, deixou o pobre grumete um pouco apreensivo.

Partiu, enfim, o vapor, e só dois dias depois, em pleno Oceano, é que voltou a aparecer ao rapaz a formosa e misteriosa menina.

Os dias passaram, e Fernando Luís, no seu novo officio, dava grande satisfação aos officiaes e ao próprio comandante, pela sua disciplina e pelo asseio em que andava sempre.

Uma noite, em que Fernando Luís estava a conversar com os outros grumetes, seus companheiros, perguntou-lhes se conheciam a rapariga da cabine n.º 20. Soube, então, quem era aquela com quem êle simpatisara tanto.

Era filha dum rico banqueiro e chamava-se Irene, nome que êle adorava por ser o nome de sua mãe.

Ficou satisfeito com a informação e não mais pensou no caso.

\*  
\* \*

Chegaram um mês depois a Africa.

O banqueiro e sua encantadora filha Irene, desembarcaram em Lourenço Marques onde deviam estacionar alguns anos porque o banqueiro tinha ali algumas roças que necessitavam da sua administração.

Três dias depois, partia de novo o «Alvar» para Lisboa onde chegou por uma linda manhã de verão.

\*  
\* \*

Passaram-se 2 anos.

Fernando Luís portou-se tão bem a bordo, que a sua caderneta não tinha a mais pequena mancha.

(Continua na pag. 8)

# História da Sardinha Moída

■ ■ ■ de ANTONIO ALVES ■ ■ ■

(Continuação do penúltimo numero)

O filho do pescador, intrigado com o que via e ouvia, dirigiu-se a um homem e perguntou-lhe o que acontecia para que todo o povo duma cidade estivesse ali gritando e chorando. — O homem respondeu:

— Naquela torre está presa a mais linda princesa destes países. É seu carcereiro um grande gigante que está a morrer e a pobre menina morrerá também porque nada, nem ninguém, conseguirá salvá-la.

E o homem recomeçou os seus lamentos.

O filho do pescador ficou olhando aquela imensa torre onde lá no alto, muito alto, numa janelinha, se distinguia o busto duma menina estendendo os braços, pedindo socorro.

Ao lado do filho do pescador, estava uma velhinha encostada a um bordão que o olhava atentamente. O filho do pescador viu-a e perguntou-lhe:

— Não haverá, então, maneira de libertar a linda princesa?

A velhinha respondeu com a sua voz apagada:

— Haver há, mas é tão difícil, tão difícil que ninguém o poderá conseguir.

— E como é?

— No fundo do mar está um cofre de ferro, dentro do cofre uma pomba, dentro da pomba um ovo, que, partindo-o na testa do gigante, lhe causará a morte rápida e libertará a menina. Mas como ir ao fundo do mar, como subir àquela torre?

E a velhinha desapareceu como por encanto.

O filho do pescador pensou, e, de repente, dirigindo-se a correr à praia próxima e tirando dum saquinho a escama verde, beijou-a e exclamou:

— Valha-me aqui o meu cunhado «Rei dos Peixes!»

Imediatamente uma onda enorme se levantou no mar e o grande peixe de escamas verdes, apareceu e disse:

— Chamaste por mim, aqui me tens! Que queres?

— Quero um cofre de ferro que está no fundo do mar.

O peixe-monstro mergulhou, e, daí a momentos, uma quantidade enorme de peixes de todos os feitios e tamanhos, veio à superfície da água. O peixe verde perguntou-lhes se sabiam onde estava um cofre de ferro. Todos responderam que nunca tinham visto um cofre de ferro.

— É preciso encontrá-lo — ordenou o «Rei dos peixes».

— E todos os peixes mergulharam.

Percorreram todos os pontos do fundo do mar e voltaram dizendo que nada tinham encontrado. Já o filho do pescador se enfurecia e via perdida a esperança de salvar a princesa quando uma pescada «marmota» apareceu a gritar que a «sardinha-moída» sabia onde estava o cofre de ferro. Todos partiram de novo em busca da «sardinha-moída», assim conhecida por andar sempre muito cansada.

Pouco tempo depois, a «sardinha-moída» subia à superfície e, com uma voz muito fraquinha, disse:

— Querem saber onde está o cofre de ferro? Eu sei, eu sei. Mas para que querem o cofre? É onde eu gosto mais de estar deitada e, então, agora, que está tão macio, tão cobertinho de lodo...

O peixe-verde ordenou que fossem buscar o cofre e todos guiados pela «sardinha-moída» mergulharam outra vez:

Cada vez eram mais fortes os gemidos do gigante, tão fortes que faziam tremer a torre.

A «sardinha-moída» lá ia muito cançada, lentamente, dando, preguiçosamente, às barbatanas, guiando os outros peixes. O filho do pescador arrancava os cabelos, desesperado.

— Que demora! Que demora!

Por fim, à superfície calma e azul do mar, apareceu o cofre que muitos peixes, pequenos e grandes, traziam com

grande esforço. Quantos morreram pelo caminho, quantos... Mas vinham alegres por terem cumprido a ordem do seu rei. Só a «sardinha-moída» chorava a perda do seu leito predilecto.

O cofre foi trazido para a praia e, apesar de todos os esforços, não houve martelos, picaretas que o conseguissem abrir. Então, o filho do pescador, tirando dum saquinho o caracol de lá, beijou-o e exclamou:

— Valha-me aqui o meu cunhado, «Rei dos carneiros!»

Imediatamente, surgiu um carneiro enorme que disse:

— Chamaste por mim, aqui me tens! Que queres?

— Quero que abras este cofre de ferro.

O «Rei dos carneiros» desapareceu e voltou pouco depois com muitos carneiros que, a uma ordem sua, começaram a marrar com tanta força no cofre que este por fim se abriu. Uma pomba muito branca, levantou vôo e, batendo ligeiramente as asas, depressa se confundiu com as núvens.

O filho do pescador, sem hesitar, tirou dum saquinho a pena de águia e exclamou:

— Valha-me aqui o meu cunhado, «Rei das aves!»

Imediatamente, batendo forte as suas grandes asas, uma águia enorme apareceu e disse:

— Quero que me tragas aquela pomba branca.

O «Rei das aves» desapareceu e pouco depois voltou com muitas águias, muitas, que, voando, voando muito alto, perseguiram a pomba.

Por fim, ante os olhos espantados do povo, que já presenciava a scena, a pomba foi trazida ao filho do pescador que, abrindo-a, lhe tirou de dentro um ovo pequenino.

Chegar à torre, ao alto daquela enorme torre e matar o gigante... Mas como, como?!

Uma águia forte, ofereceu-se, então, para o levar lá ao alto e o filho do pescador, montando na águia, elevou-se no espaço.

Lá em cima, na janelinha a menina estendia os braços. O filho do pescador saltou para dentro. A princesa, suplicou:

— Mate o gigante, senão nunca poderei sair daqui.

Os seus pés estavam ligados a grandes cadeias de ferro.

Então, o filho do pescador dirigiu-se ao quarto do gigante. Numa cama muito grande, o gigante gemia, fazendo tremer tudo. O filho do pescador acercou-se resolutamente d'ele e, sem medo, partiu-lhe o ovo na testa. O gigante soltou um gemido enorme e morreu. Ao mesmo tempo, as cadeias de ferro partiam-se, deixando em liberdade a linda princesa que correu para o seu salvador.

A torre descia, lentamente, e o povo gritava de contente, vitoriando o filho do pescador que nos arredores da torre, que nunca tivera portas, estendeu a manta e calçou a bota. Logo se abriu uma porta e o povo viu, então, sair daquela torre maldita, que continuava descendo, descendo, a mais linda princesa daqueles países, dando o braço ao seu libertador.

O povo, em delírio, levou-os em triunfo e aclamou-os seus Reis.

Na linda catedral daquela cidade se realizaram as bodas, enquanto a torre se desfazia em pó.

Grandes foram os festejos e o filho do pescador, agora rei e casado, mandou presentear com lindas coisas todo aquele povo que tanto lhe queria.

Também nós e os meninos fomos às festas e também a nós nos deram um presente. Deram-nos um par de sapatinhos de manteiga que... se derreteram ao sol.

# PREMIO E CASTIGO

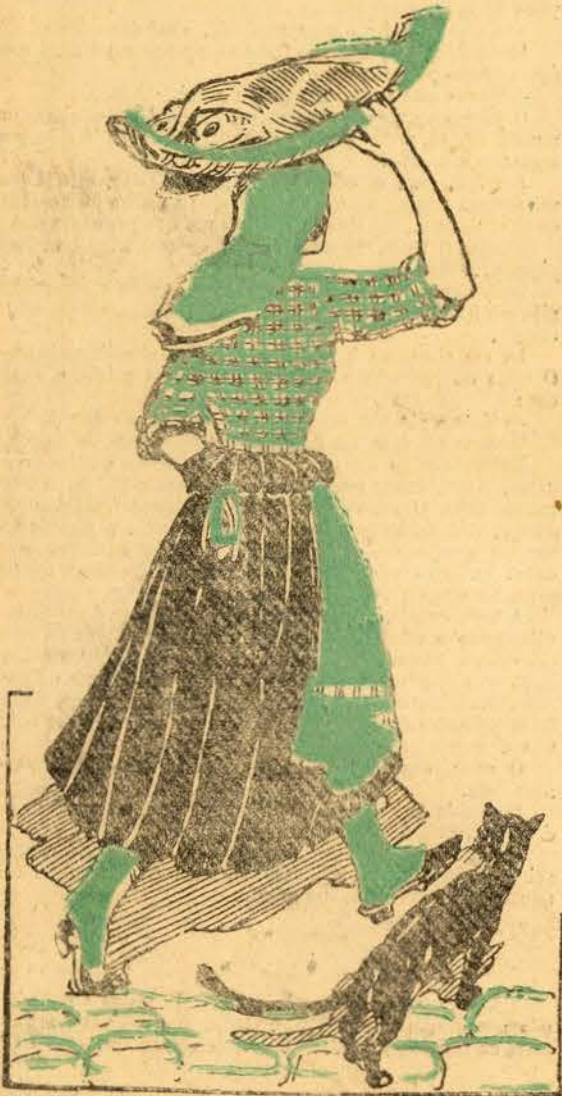
## HISTÓRIA DUM GATINHO HONRADO E DUM CÃO LADRÃO

Por AUGUSTO SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Era uma vez um gatinho  
que não tinha eira nem beira,  
e vivia — coitadinho —  
sempre na esperança laqueira  
de comer algum peixinho  
que lhe desse uma peixeira.

Mas por mais que esp'rasse... ná!...  
Nem sequer uma carapau  
peixeira alguma lhe dá!



E então miáva: — «miau...»  
como quem diz: — «mau, mau, mau  
que esta vida está bem má!»

Nisto aparece um Béu-béu,  
atravessado de lobo,  
que lhe diz: — «grande sandeu!  
Não sejas assim tão probo,  
olha... faze como eu  
que, quando me não dão, roubo!»

Mas o gato, e com razão,  
que presava o seu bom nome,  
dizia apenas ao cão:  
— «a proibidade consome,  
mas antes quero ter fome  
do que tornar-me ladrão!»

Assim falando e seguindo,  
lado a lado, cão e gato,  
na opinião divergindo,  
— (o maltês muito sensato  
e o Béu-béu mal se exprimindo) —  
vêm, de súbito, um rato.

Mas não sómente um ratinho,  
uma ratoeira também,  
com um naco de toucinho  
de Vila Nova de Ourém,



que, até longe do ratinho,  
já cheirava mui bem.

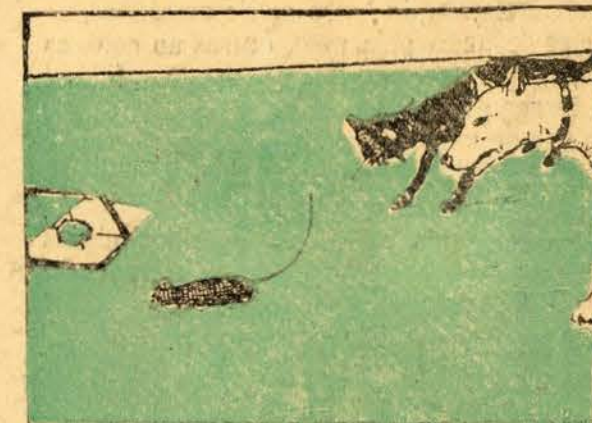
Emquanto o gatpapava,  
como era justo, ratinho,  
o cão, que tudo ouhava  
e inda por cima (mesquinho) —  
de ser ladrão se abava,  
foi-se direito ao ratinho,

E, deveras insensato,  
como um larápio vulgar,  
conforme disséra ao gato,  
dispôs-se logo a roubar  
o petisquinho que o rato  
não chegou nem a cheirar!



O pior foi que a armadilha  
ali armada a seus pés,  
castigara à maravilha  
a espantosa insensatez  
do Béu-béu, o grande pilha,  
bem diverso do maltês!

Por ser de alma pequenina  
e haver sido cobiçoso,  
Deus lhe deu a triste sina  
de ter um fim horroroso,  
como qualquer criminoso  
condenado a guilhotina!



F I M



# LOTARIA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

—«E' o 1333! —

—E' hoje que anda a roda!... Anda hoje a roda!»

Dez horas da manhã; numa anciedade,  
—uma anciedade douda!—  
a rua encheu-se toda  
de marrecos, de coxos e de mancos;  
são os pregões uns trágicos arrancos,  
delira, em febre, a cidade!  
Hora em que muito graves, hirtos, sérios,  
passam os empregados para os bancos  
casas comerciais e ministérios;  
uma ou outra ovarina,  
com o seu tac-tac dos tamancos  
e mulherzinhas  
em cabelo, ou de Jenço ou de mantilhas,  
umas levando pela mão, outras ao colo, as  
filhas!

E ternas avózinhas  
cheias de rugas e cabelos brancos;  
e... (vede!...) aquela menina,  
tão olheirenta e franzina  
mas de meiga expressão, —olhos claros  
e francos!»

que vai passar  
—olhai!—que triste sina—)  
todo o seu santo dia,  
consecutivamente, a trabalhar  
fechada numa oficina!

—«E' o 7, é o 7!...»

E o outro pregão repete:

—«E' o 1333!...»—

E eis que, outra vez,  
sob o bafo de Deus, a voz se perde!

No dymâmico espaço dos sentidos,  
o aspecto das cousas se entrechoca  
em mil variados tons:—cobalto e oca,  
amarelo, vermelho, azúl e verde!

—«E' o 1333!...»—

—«E' a grande... é a grande!...»

E a voz, de novo, repete,  
numa insistencia diabólica:

—«E' o 7, é o 7!...»

«E' o 1333!...»—

E a menina  
franzina,  
que passa,  
entre o povo,  
melancólica,  
num sorrisinho de graça  
e todo cheio de luz,  
intimamente, se expande:

—«Se eu o comprasse, talvez...»—

—«Se me saísse... Jesus!...»—

—«E' o 1333!...»—

E a voz se perde, de novo,  
para se ouvir outra vez:

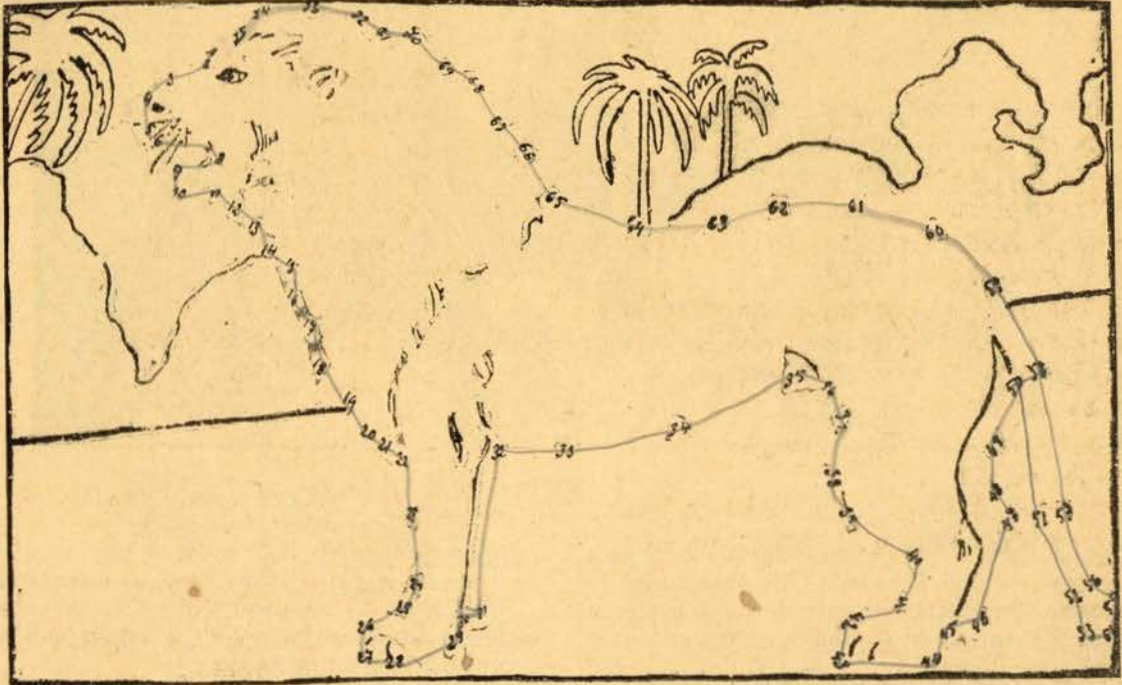
—«E' o 1333!...»—

—«E' a grande!... é a grande!...»

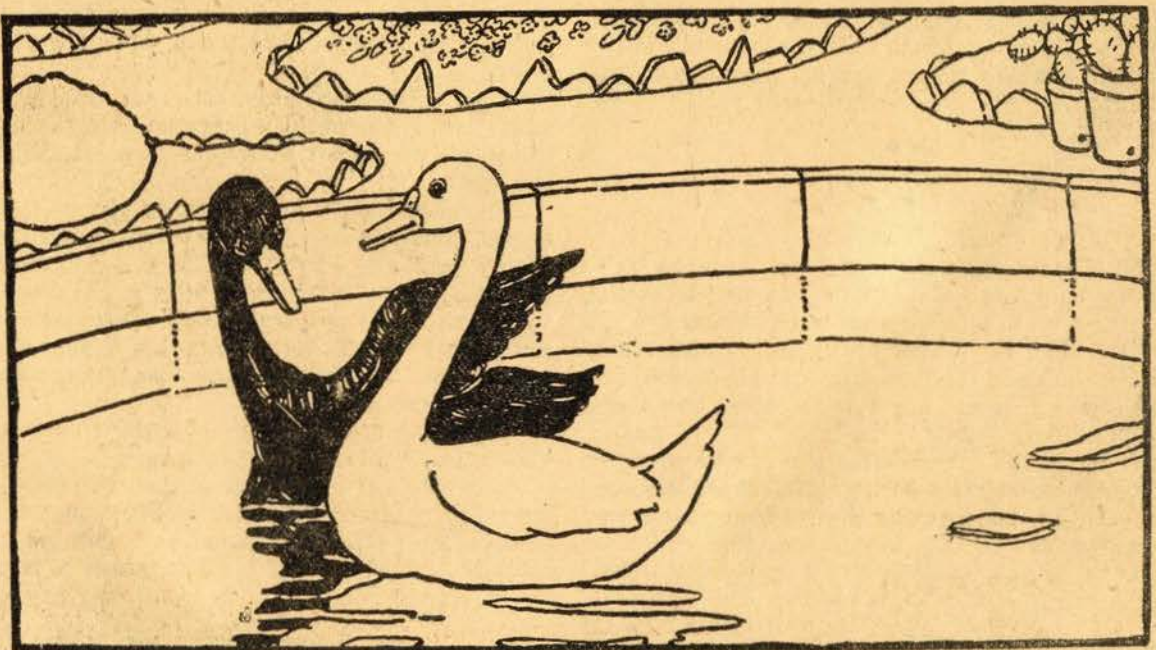


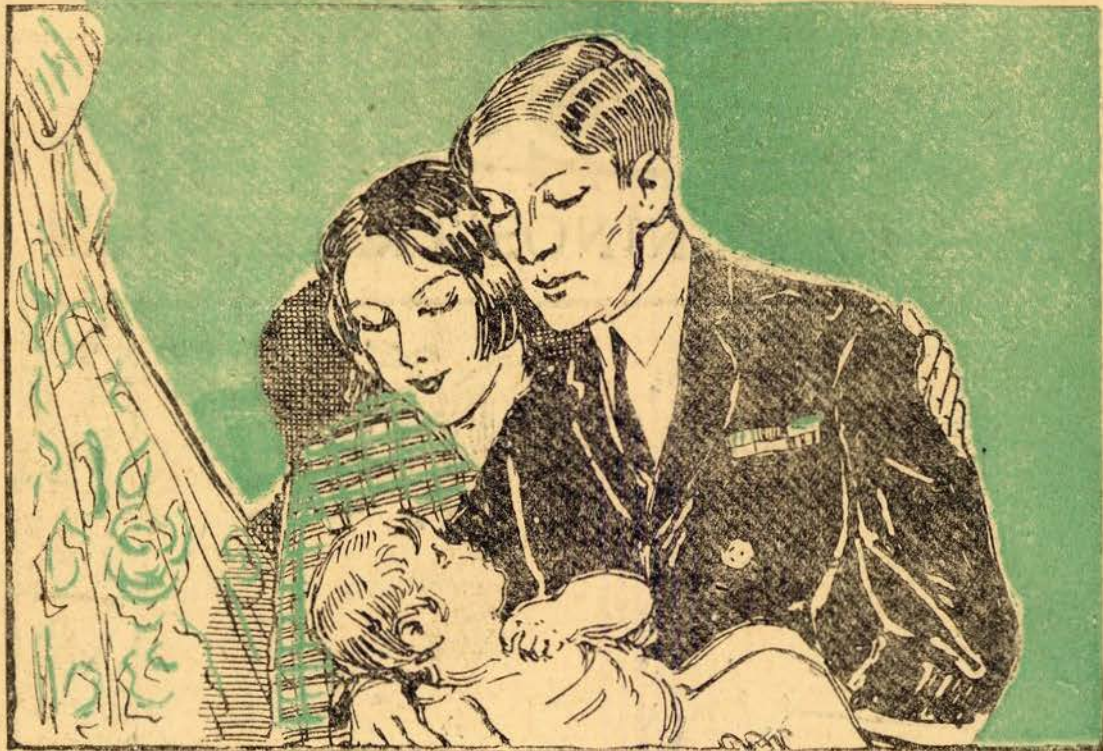
# HORA do RECREIO

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



PARA OS MENINOS COLORIREM





(Continuação da Pag. 2)

Com o dinheiro que ganhara, durante os 2 anos de serviço a bordo, Fernando Luís despediu-se do comandante e dos oficiais em quem deixou grande pena e foi para a escola de aspirantes de marinha onde tirou um curso brilhante.

Tinha 28 anos, quando saiu segundo tenente. Participaram-lhe um dia alguns colegas que estava destinado a partir no dia seguinte no cruzador «Cabo Ruivo» para a Africa, a uma expedição.

Fernando Luís arranhou a mala e, no dia seguinte, despediu-se dos pais, que já eram velhinhos, e embarcou para a Africa onde 8 anos antes, já tinha feito a mesma viagem, mas em condições menos favoráveis.

•  
\* \*

30 dias se passaram sem o mais pequeno incidente a bordo do «Cabo Ruivo», ao fim dos quais chegava o nosso tenente a Lourenço Marques.

O capitão do «Cabo Ruivo», estava muito bem relacionado nesta cidade e, logo que ali chegou, foi convidado a ir jantar a casa de um sujeito com quem o capitão fazia grande cerimónia.

O tal sujeito quando mandou o convite ao capitão, mandava-lhe dizer que se algum oficial de bordo lhe quizesse dar o prazer de ir á noite passar um bocado a sua casa, não fizesse cerimónia.

O capitão depois de pensar muito, qual o oficial

de melhor porte que tinha a bordo, para apresentar em casa do amigo, resolveu convidar o tenente.

Este não se fez rogado, e, nessa noite, apresentou-se em casa do misterioso sujeito que assim o convidava sem o conhecer.

Quando lá chegou, estava o capitão, um sujeito já de idade e uma linda rapariga, filha do tal sujeito, na sala á espera d'ele.

Mal entrou, apresentou-o o capitão ao sujeito e á pequena.

Fernando Luís, logo que olhou bem para o pai e para a filha, reconheceu-os apesar de os não vêr ha 8 anos.

Eram o banqueiro e sua filha, que, quando Fernando Luís era grumete a bordo do «Alvar», tinham embarcado para a Africa. Irene estava mais linda do que era.

Fernando Luís, ficou apaixonado por ela e, dias depois, rogava ao capitão que fôsse pedir ao banqueiro, para êle, a mão da filha. O banqueiro deu imediatamente o seu consentimento e foi participar á filha o pedido de Fernando Luís. Esta disse que sim, pois Fernando Luís era bonito, e, além disso, porque tinha uma figura muito distinta, caíra na simpatia da formosa Irene.

Oito dias depois, partia o «Cabo Ruivo» para Lisboa, trazendo os dois felizes noivos.

Fernando Luís, logo que chegou, foi promovido a primeiro tenente e hoje vive na mais completa felicidade, com sua adorável mulher e com um loiro rapazinho de um ano que faz a alegria de seus pais.